

Universidade Federal de Minas Gerais

**Cultura Política Libertária na Primeira República: Identidade e Dissenso entre
Anarquistas, Anarco-sindicalistas e Feministas (1900-1930)**

Belo Horizonte

2009

Márcio Alexandre Buchholz de Barros

IDENTIDADE E DISSENSO ENTRE ANARQUISTAS, ANARCO-SINDICALISTAS E FEMINISTAS NA PRIMEIRA REPÚBLICA (1900-1930).

Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em História e Culturas Políticas.

Professor Orientador: Rodrigo Patto Sá Mota.

Belo Horizonte

2009

Apresentação:

O estudo do movimento operário no Brasil, especialmente na Primeira República, esteve em alguns momentos centrado em questões que procuravam entender a maneira pela qual os trabalhadores se organizavam dentro e fora das fábricas com vistas a combater a exploração do trabalho, organizar e elaborar meios e objetivos que se relacionasse com a emancipação política, social e econômica da classe trabalhadora.

Neste sentido, muitos estudos se dedicaram especialmente à cultura operária em suas diversas manifestações ao longo de toda a primeira república. Trabalhos de grande magnitude que trouxeram novos conhecimentos de questões específicas da cultura operária. Podemos destacar, sem dúvida, os trabalhos de Margareth Rago, como o *“Do cabaré ao lar”*¹, que trabalha questões importantíssimas como, por exemplo, as relações de gênero neste período. Outro grande trabalho nesta área é o de Francisco Foot Hardman em seu *“Nem pátria, Nem Patrão”*². Vários trabalhos destes autores e de tantos outros, tornaram-se referência para o estudo do operariado nesta época e, em especial, do anarquismo no Brasil.

No entanto, trabalhar questões como a formação de uma cultura operária ou, no caso, uma pretensão de pesquisa que extrapola as questões de classe e procura-se fazer uma genealogia de uma cultura libertária no início do século XX no Brasil, as dimensões a serem abordadas tornam-se extremamente complexas.

Este trabalho visa, portanto, pontuar a maneira pela qual surge e emerge no Brasil, no início do século passado, um discurso eminentemente libertário que não é apenas um discurso classista, isto é, amplia-se para além das questões de classe do mundo fabril

¹ RAGO, Luzia Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1985.

² HARDMAN, Francisco Foot: *Nem Pátria Nem Patrão: Memória Operária, Cultura e Literatura no Brasil*. UNESP. 2003.

Primeiramente, analisaremos as manifestações culturais presente no discurso dos Anarco-sindicalistas, fazendo uma interlocução com a produção anarquista que, de uma maneira ou de outra, foram críticos da organização sindical no Brasil como meio e fim de uma futura organização libertária. A seguir, analisaremos aquilo que poderíamos chamar de corrente "*puramente*" anarquista no início do século passado, suas críticas ao sindicalismo e sua debilidade em firmar se como organização de massa. Por fim, faremos uma breve caracterização do discurso feminista que se aproximou dos anarquistas. Trata-se de demonstrar a presença da questão do gênero presente na produção cultural libertária da época.

A pesquisa terá como foco, portanto, pontuar semelhanças e diferenças entre os discursos dos anarquistas em suas diversas manifestações no momento histórico de maior projeção das doutrinas libertárias.

O anarquismo, enquanto filosofia política, sempre comportou uma vasta gama de discursos que, embora assumam uma similaridade muito grande que lhe dá coesão enquanto filosofia e prática social, atribuiu-lhe uma complexidade que, por vezes, escapa à nossa observação. As práticas discursivas dos anarquistas jamais foram precisamente homogêneas, cabendo, dentro daquilo que poderíamos chamar de Anarquismo, uma riquíssima gama de posicionamentos que, historicamente, rendeu à filosofia determinações estanques em diversas correntes da mesma doutrina.

Portanto, a pesquisa tentará deter-se na formação de uma cultura que, embora específica em diversos princípios, possuía suas divergências internas e, ao mesmo tempo, se manifestava por caminhos semelhantes que ajudaram a conformar uma cultura eminentemente libertária no Brasil no início do século XX.

De início, faremos uma abordagem daquilo que poderíamos chamar de um discurso e uma produção cultural que dê conta de

então emergente. A pretensão da pesquisa consiste, precisamente, em apontar as manifestações culturais presentes na maneira pela qual o movimento libertário se formava enquanto discurso e que, neste sentido, assumia uma especificidade em relação às outras manifestações propriamente operárias.³

Neste sentido, a pesquisa dividiu-se em seis momentos distintos, mas que, obviamente, se relacionam e mesmo se completam. No capítulo *O Pensamento Libertário*, tento introduzir questões relacionadas às diferenças existentes dentro da complexidade do pensamento anarquista. Trata-se de pincelar, de maneira breve, o surgimento histórico do anarquismo contemporâneo através de algumas correntes consagradas desta filosofia. No capítulo *O Ideal Anarquista Através da Imprensa Operária e Imagens e Ideal de Liberdade*, tento discutir a formação de uma cultura específica, presente nos discursos e imagens anarquistas na imprensa operária. Os periódicos anarquistas e seus articulistas, aliada às representações imagéticas, forjaram a disseminação do ideal libertário e, de maneira geral, conformaram uma cultura política específica na Primeira República. Por fim, analiso, através de alguns documentos da imprensa operária e anarquista, a produção de um discurso que caracteriza as três correntes ideológicas que formaram parte da cultura libertária da época: O Anarco-Sindicalismo, o Anarquismo e o Feminismo que se aproximava do pensamento anarquista. Trata-se de traçar a formação e o discurso de três grandes linhas ideológicas do movimento libertário no Brasil como forma de corroborar uma melhor apreciação das diferenças e semelhanças entre aquilo que poderíamos chamar de um discurso propriamente anarquista e libertário.

³ As questões teóricas que relacionam as produções discursivas são, atualmente, um debate interessante na historiografia libertária. A autora e pesquisadora da UNICAMP, Margareth Rago possui artigos sobre o tema, dentre eles podemos citar o texto: *História, Foucault e Anarquismo*. Editora Achiamé.

reunir a identidade anarquista enquanto filosofia. Faremos também um apanhado geral da concepção anarquista, sua crítica à sociedade burguesa, seus princípios filosóficos, suas nuances que, por vezes, se identificaram em diversas correntes e uma pequena análise do imaginário libertário de Revolução Social.

O estudo possui ainda um caráter mais ou menos “embrionário”. É possível, acredito, levantar hipóteses de trabalho interessantes devido à riqueza documental hoje disponível para o historiador do movimento operário e do anarquismo no Brasil. A filosofia anarquista e sua trajetória histórica demonstram uma grande complexidade e riqueza que ainda renderá ao pesquisador descobertas preciosas, importantes para o resgate da memória não apenas do operariado, mas de militantes diversos que, ao longo da primeira república, detiveram-se em diversas práticas e atuaram em diversos campos das relações humanas.

I - O PENSAMENTO LIBERTÁRIO

Como forma de buscar conceituar melhor o anarquismo recorrerei ao texto de Boris Fausto citando o pesquisador George Woodcock⁴, que dedicou boa parte de suas pesquisas ao tema do anarquismo. Para ele o anarquismo seria então:

Um sistema de pensamento social visando a modificações estruturais da sociedade com o objetivo de substituir a autoridade do Estado por alguma forma de cooperação não governamental entre indivíduos livres. Este objetivo - que pressupõe a supressão do capitalismo - deve ser alcançado pela via da ação direta, limitada ao terreno econômico e ideológico, com a recusa da luta política. (FAUSTO, 1976, p.63).

Em 1906 realizava-se no Rio de Janeiro o primeiro Congresso Operário Brasileiro. Tratou-se, evidentemente, de um grande marco na conformação e adensamento das organizações operárias, principalmente de cunho sindical no país. As determinações seguiam, pelo menos de maneira genérica, à linha do sindicalismo revolucionário, isto é, tratava-se de alinhar a organização operária e sindical com vistas à superação do capitalismo. Mais do que isso, consagrava-se o sindicato como a organização mais adequada para a organização operária não apenas na luta contra o capital, mas também como organização futura dos trabalhadores.

Deste modo, a pujança do movimento operário enquanto classe em formação se deu, principalmente, pela via sindical revolucionária de orientação libertária e anarquista. A doutrina anarquista de fato se difundiu com grande força no meio urbano e fabril do início da república no Brasil. O incipiente capitalismo e a forte imigração explicam, ao menos em parte, o ambiente propício

⁴ O historiador Inglês George Woodcock é uma das grandes referências sobre a filosofia e a história do anarquismo a nível mundial. Dentre suas obras temos a essencial História das Idéias e movimentos libertários.

para esta orientação política e ideológica dos trabalhadores nesta época.

Boris Fausto argumenta que é possível, e mesmo coerente, a tese de que o anarquismo tinha uma tendência de tomar maior amplitude naquelas nações ou regiões as quais o capitalismo industrial não possuísse ainda um grande desenvolvimento.

A tese faz sentido; de fato historicamente os locais onde o anarquismo foi a principal corrente ideológica eram, em grande parte, países e regiões de baixo desenvolvimento industrial, como a Itália e Espanha de meados do século XIX. De todo o modo, não se deve superestimar essa concepção e nem mesmo querer absolutizá-la.

O anarquismo desenvolveu-se também em países de grande desenvolvimento industrial. A própria Espanha e, em especial, a região industrial da Catalunha foi um grande berço das doutrinas anarquistas e a sua orientação sindical foi, talvez, uma das maiores organizações de massa da história, através da Confederação Nacional do Trabalho – CNT.⁵

Ademais, a idéia central desta teoria parece, por vezes, assentar-se sobre um determinado juízo de valor que subtrai do anarquismo sua maturidade ideológica e doutrinária, atribuindo esta corrente de pensamento a movimentos operários tipicamente incipientes. Caberia então ao marxismo a substituição natural do anarquismo enquanto projeto e teoria política própria dos trabalhadores na busca de sua emancipação social.⁶

O anarquismo enquanto corrente ideológica, que forjou em grande parte a formação da cultura do operariado na primeira república, possui matizes diferenciados em torno de alguns temas importantes da cultura libertária. O feminismo esteve presente

⁵ CNT: A Revolução Espanhola nos Documentos Libertários. Imaginário. 2001

⁶ O livro de Eric Hobsbawn, Rebeldes Primitivos orienta ou sustenta mais ou menos essa posição.

como uma grande causa nos meios libertários, embora houvesse ainda militantes que associassem a emancipação econômica diretamente com a emancipação total e completa do indivíduo, inclusive às questões relacionadas ao gênero. As polêmicas e dissensos fizeram e fazem parte da cultura libertária, que, aliás, por não possuir ditames precisos ou discursos baseados em apenas um teórico, sempre se viu envolto a polêmicas de diversas naturezas sobre os princípios e áreas de interesse da cultura libertária.

Para se compreender as formações culturais tipicamente libertárias, é preciso, antes de tudo tecer o entendimento do anarquismo em sua complexidade teórica. Apesar de o anarquismo possuir, por assim dizer, um tronco comum de princípios os quais foram acima citados, há que se ater que a filosofia libertária possui dissidências teóricas e práticas que influencia na própria conformação da cultura política libertária. Seguindo uma linha foucaultiana, poderíamos advertir sobre a necessidade da desconstrução de determinadas posições pré-estabelecidas que atribuem ao anarquismo um rótulo preciso que pontuaria e desqualificaria as diferenças existentes⁷. Obviamente seria demasiado positivista tentar pontuar ideologicamente as diferenças teóricas do anarquismo em compartimentos rígidos, haja vista que, muitas vezes, as perspectivas entre os teóricos e militantes se confundem e contradizem. No entanto, como forma de tentar apreciar as diferenças e riqueza teórica do anarquismo faz jus, mesmo que evitando sistematizar em compartimentos arbitrários, encerrar algumas características diversas entre as práticas libertárias que permita apreciar melhor as nuances, unidade e dissenso do anarquismo. Raquel de Azevedo atenta para os riscos de se pautar rigidamente estes rótulos:

⁷ LOPES, Fabio Henrique: "A História em Xeque: Michel Foucault e Hayden White". IN: **Narrar o Passado, Repensar a História**. Coleção Idéias. Vol 2. São Paulo: UNICAMP. 2000.

Temos, por exemplo, alguns rótulos que lhe são freqüentemente atribuídos como uma "fase terrorista", no final do século XIX, ou a divisão tradicional, no início do século XX, entre o anarquismo e o anarco-sindicalismo. Estas são denominações atribuídas posteriormente pelos historiadores, que não eram empregados na época, mas que se cristalizaram na própria historiografia libertária. (Azevedo, PP 315).

A advertência tem grande valor, no entanto, as diferenças existiam e as tensões entre anarquistas e sindicalistas revolucionários de fato foram uma constante nesta época. Apesar da importância e o cuidado necessário no arbítrio destas questões, acredito ser possível apreciar algumas diferenças entre a teoria anarquista presente nos enunciados e nas análises das formações discursivas na imprensa libertária da época. Deste modo, a cultura política libertária mostra-se absolutamente rica e, muitas vezes, mais complexa do que imaginamos.

Iremos definir, portanto, ao menos algumas destas diferenças não tão superficiais das correntes anarquistas.

1.O Mutualismo Proudhoniano.

Joseph Pierre Proudhon⁸ pode ser considerado como um dos grandes teóricos do anarquismo. Suas concepções acerca da autoridade e da propriedade definiram as bases de uma sociedade cooperativa sem intermédio de uma organização política centralizadora. Da mesma maneira, Proudhon teorizou uma organização social baseada em princípios federativos com base em associações produtivas e cooperadas. Um banco popular fomentaria a economia. Ainda hoje a corrente mutualista anarquista possui adeptos em diversos países.

⁸ Sem dúvida alguma, Pierre Joseph Proudhon foi um dos grandes nomes do anarquismo. Pode-se dizer que seu pensamento forjou as bases teóricas e filosóficas de todo o movimento anarquista internacional. Dentre suas obras podemos destacar O Que é a Propriedade? O princípio Federalista, Pobres e Ricos e Filosofia da Miséria. Este último serviu de base para o livro de Miséria da Filosofia, onde Karl Marx submete Proudhon a uma severa crítica.

1. O Anarco Coletivismo

Mikhail Bakunine⁹ acreditava que à sociedade capitalista era necessário contrapor uma força revolucionária que se encontrava não apenas no proletariado, mas sim em todas as camadas exploradas pelo modo capitalista de produção. Possuía certa admiração pelo lumpemproletariado que para ele possuía “*o espírito e a força da revolução social*”. Ademais, para Bakunine a coletivização dos meios de produção se torna uma condição essencial na futura sociedade e Bakunine lança as bases para a ênfase no papel do sindicato como meio de organização típica dos trabalhadores e um modo de dar aos mesmos as condições de autogerir-se, tanto na produção como na organização de classe para o enfrentamento das relações capitalistas.

2. O Anarco Comunismo

O anarco comunismo pode ser relativamente entendido como a mais popular corrente do pensamento libertário. O pensador geógrafo, Piotr Kropotkin¹⁰ foi um grande expoente do anarco comunismo. Mais uma vez recorrendo ao texto de Boris Fausto, é possível dizer que:

os anarco comunistas sustentaram a necessidade de realizar de imediato a tese marxista “de cada

⁹ Outro grande expoente do anarquismo internacional. Bakunine, mais do que um grande teórico foi um militante e um homem de ação. No entanto, produziu textos preciosos que submeteram as organizações institucionais e a autoridade a uma crítica impiedosa. Deus e o Estado é clássico da filosofia anarquista.

¹⁰ Piotr Kropotkine foi um dos grandes nomes do comunismo anarquista. Combateu as posições individualistas e foi um teórico da idéia evolutiva dos homens rumo a uma sociedade superior. Para Kropotkine, os Homens seriam dotados de um instinto social que, naturalmente, caminharia para a construção de laços solidários, de ajuda mútua de noções de justiça e generosidade. Toda a moral dos homens seria calcada em uma postura solidamente constituída por esses valores. No livro *Luce Fabri e o Anarquismo Contemporâneo* da pesquisadora Margareth Rago, há um trecho relatado por Luce em que Kropotkine teria relacionado a ajuda mútua como uma característica natural de Homens e animais. O Comunismo adviria desta crença na evolução e na solidariedade entre os homens, tal qual, segundo ele, era possível identificar na natureza.

um segundo sua capacidade; a cada um segundo suas necessidades. (FAUSTO, 1976, p. 65)

Esta teoria solapava a idéia de que o sistema de distribuição das riquezas ainda seria pautado pela qualidade e quantidade de trabalho, o que, para Kropotkin, ainda abria brechas para a desigualdade social. Deste modo, a necessidade surgia como definidora da distribuição dos recursos materiais da sociedade anarquista e não mais o trabalho.

3. O Anarco Individualismo

Alguns filósofos e pensadores tiveram entre os anarquistas certa popularidade. Mesmo sem assumirem uma postura claramente anarquista estes teóricos levantaram voz contra todos os mecanismos coercitivos, autoridades e instituições. Max Stirner¹¹ foi u grande nome de uma corrente polêmica entre os anarquistas. Trata-se dos anarquistas de orientação essencialmente individualista. Não é objetivo deste trabalho lançar luzes sobre a pertinência da postura anarquista individualista em relação às correntes sociais do pensamento libertário. A meu ver é certo, no entanto, que o anarco individualismo não possui, como certos autores entendem, uma orientação política mais liberal do que libertária. O individualismo de Stirner ou Han Hyner, não é, absolutamente, do tipo liberal. Na verdade, o pensamento de Stirner é demasiadamente complexo. A idéia de uma “comunidade de *egoístas*” lança uma perspectiva sociável deste tipo de pensamento. A proximidade com o anarquismo social encontra se na negação radical de qualquer mecanismo coercitivo,

¹¹ Segundo Edson Passetti, “(...) Stirner não é para ser admirado, é uns de nós (...) é a revolta contra o pensamento e corpo domesticado (...)”. De fato Stirner é a revolta contra todas as instituições e coerções, coletivas ou não, que agem na conformação do individuo a ditames contrários a sua vontade. É chamado por alguns de niilista, para outros, de um individualista excêntrico, um teórico desprovido de sentido real das coisas. Marx o chamava, em a Ideologia Alemã, de São Max. No entanto, Stirner foi um severo crítico das formas coletivas institucionalizadas, seja ela burguesa ou socialista. Sua visão, acredito, baseava-se na crença de que as associações deveriam ter caráter efêmero ou, pelo menos, um caráter provisório, na medida em que só faria sentido enquanto atendessem as demandas de cada individuo.

centralização política e administrativa e o entendimento de que cada indivíduo tem o direito e mesmo o dever de não se submeter aos ditames de uma unidade dita superior, seja ela o Estado, a religião e, porque não, a própria sociedade socialista ou comunista.

4. O Anarco Sindicalismo ou Sindicalismo Revolucionário

A origem do sindicalismo revolucionário remonta às organizações dos trabalhadores franceses no final do século XIX. Para os sindicalistas anarquistas é preciso que as organizações operárias priorizem o sindicato, não apenas como meio de luta, mas também como núcleo central da futura organização social. Durante os primeiros vinte anos do século XX no Brasil, o anarco sindicalismo foi uma grande força dentro das organizações operárias. Na verdade, não seria exagero dizer que o sindicalismo revolucionário foi o mais popular tipo de organização social do operariado brasileiro até pelo menos 1925. Veremos o quanto a cultura sindical de orientação anarquista produziu uma vivência específica na classe operária, através da ênfase no sindicato, na negação da luta política, nas greves e nas diversas manifestações promovidas pelos periódicos anarco-sindicalistas.

Toda essa gama do pensamento libertário, apesar de um núcleo mais ou menos comum de princípios, forjou um substrato cultural diversificado. Foi comum entre os libertários no início do século XX, discussões acerca dos projetos e meios de emancipação social que se orientaria segundo as nuances e diferenças ideológicas entre os próprios anarquistas.

Embora não possamos superestimar essa diferença, ela de fato existiu, e se não podemos falar de uma cultura política para cada uma dessas correntes do pensamento social anarquista, é preciso ater-se que o discurso não era tão uníssono como às vezes tendemos achar. No próximo capítulo tentaremos adentrar um

pouco no universo da cultura libertária através da observação e análise de trechos de alguns periódicos libertários da época.

II - O IDEAL ANARQUISTA ATRAVÉS DA IMPRENSA OPERÁRIA

A cultura anarquista no período estudado revela o quão importante foi importante foi para os libertários a consecução de uma imprensa que exprimisse os ideais do anarquismo, ao mesmo tempo em que denunciava as práticas políticas e econômicas coercitivas impostas à classe trabalhadora pelo Estado e pela emergente relação capitalista industrial em regiões como o Rio de Janeiro e São Paulo.

Em vários periódicos, foi possível notar uma perspectiva teleológica da futura sociedade libertária. A imprensa anarquista agia no sentido de criar um discurso mais ou menos otimista dos acontecimentos futuros, como se a revolução social estivesse certamente por acontecer.

Angela Maria Roberti Martins, em um artigo intitulado *Imprensa Libertária: Palavras e Imagens que Fazem Sonhar*, ressalta o papel dos periódicos anarquistas, em especial, *A Plebe*, do tipógrafo Edgar Leuenroth, na elaboração de uma imagem real e próxima da revolução social. Para ela a relação imagética das charges e desenhos, aliado ao discurso libertário, principalmente após a revolução de outubro na Rússia

Trazem uma dose de energia e alento, que não deriva em passividade, pois alimenta a esperança, eterna rebeldia que rejeita o conformismo e transporta o sonho, aqui concebida como a idéia dominante perseguida com interesse e paixão. (ROBERTI, 2005. p.2).

A autora analisa um desenho que foi publicado no jornal *A Plebe* no dia 01/05/1919, isto é, quase dois anos depois da Revolução Russa. Podemos pensar, naturalmente, que para os anarquistas da época, o período se revelava fértil para as idéias de transformação social e que, portanto, o otimismo revolucionário tornara-se justificável. Certamente, o período Pós-Revolução Russa

aguçou e adensou o fervor revolucionário, não apenas dos anarquistas, mas também de outros setores envolvidos com a organização operária. Mas, de toda a forma, parece ter sido uma constante na imprensa operária o apelo quase que messiânico e fatal da revolução social nesta época.

Possuindo uma leitura Social, marcado pela oposição capital e trabalho, entre exploradores e explorados, os anarquistas defendiam e difundiam a chegada de novos tempos. (ROBERTI, 2005 p.6)

O ideal anarquista preconizava, neste sentido, uma postura otimista na crença da revolução social. No entanto, a luta de classes, a organização operária, seja ela sindical ou não, a ação direta, a propaganda ideológica, a rejeição e denúncia dos processos políticos institucionais e partidários eram, conjuntamente com a idealização da aurora libertária, elementos presente na formação cultural e no discurso dos libertários.

Outro elemento comum na cultura anarquista e operária da época era, sem dúvida, o anticlericalismo. A igreja católica era entendida e vista pelos anarquistas como um braço mantenedor do *status quo*. Embora alguns anarquistas criticassem a postura de outros militantes que, segundo eles, concentravam demasiadamente a crítica apenas no clero, deixando de lado a propaganda ideológica e a denúncia dos fatos políticos e econômicos que oprimiam os trabalhadores, é certo afirmar que, exceto por algumas correntes anarquistas influenciadas por Leon Tolstói, a crítica às instituições religiosas fazia-se presente nos discursos e imagens libertárias da época.

Boris Fausto identifica a postura anticlerical de alguns grupos anarquistas como sendo reflexo de uma cultura política ainda muito influenciada pelo positivismo, segundo o autor:

o entroncamento do anarquismo com o pensamento cientificista e laico levava o por vezes a concentrar

fogo em uma instituição, ao acordo com elementos estranhos à área libertária." (FAUSTO, 1976,p 73).

Para muitos anarquistas da época, principalmente os anarco-sindicalistas, era necessário atribuir à luta pela emancipação social um caráter essencialmente classista. Neste sentido, as críticas surgiram a grupos libertários que concentravam seus esforços em críticas consideradas excessivamente pontuais, distantes de uma visão mais ampla da exploração sócio-econômica.

Gigi Damiani fazia apelo para que a luta dos anarquistas se orientasse para uma pratica de questionamento da organização social, enfatizando a exploração econômica. Para ele, "quem não crê em Deus, mas crê no estado não mudou nada: não se inclina ao padre, mas se inclina ao Patrão" (DAMIANI *apud* FAUSTO, 1976, p.83)

A questão da luta anticlerical foi marcadamente presente no periódico "*A lanterna*", primeiramente sob a direção do advogado e maçom Benjamim Motta (1901) e, posteriormente, sob a direção de Edgar Leuenroth (1909).

Alguns discursos presentes no periódico são interessantíssimos, pois em muitas passagens é possível notar um apelo à moral sexual como modo de combater o poderio do clero. Pode se observar uma tônica na crítica da violação dos próprios princípios morais forjados pela igreja que seria caracterizada por certa promiscuidade moral e sexual de padres e do clero em geral. Como alerta Boris Fausto:

Uma critica do papel da igreja como instrumento fortemente articulado de repressão da sexualidade teria dado aos libertários um enorme avanço com relação a todo o discurso de seu tempo. Este nexos não chega, porém a se aprofundar e a tônica se concentra na violação pela igreja de seu próprio código de conduta. É o caso da seguida denúncia de violências sexuais praticadas por padres" (1976, p. 85)

III - IMAGENS E IDEAL DE LIBERDADE

A questão crucial presente nas formações discursivas e imagéticas construídas ao longo da formação do movimento anarquista no Brasil é o tema da liberdade. A idéia de liberdade é substancialmente radical no que tange aos meios e fins propostos pelos libertários.

A liberdade para os anarquistas configura-se num ponto chave que concentra sua crítica às manifestações de poder diversas, às instituições políticas, religiosas e, em menor instancia, de gênero.

Neste sentido, até mesmo figuras e imagens historicamente ligadas a uma tradição republicana, foram apropriadas e ressignificadas pelos anarquistas através de sua imprensa:

Gravuras que carregam a marca da Revolução Francesa, como a alegoria feminina de Marianne, sob a múltipla codificação da liberdade, anarquia, civilização, igualdade, etc., rompem com o caráter republicano e nacional/estatal desta figuração para adquirir uma feição própria no imaginário libertário (AZEVEDO, Raquel, 2000. p. 324)

A tônica do discurso anarquista toma uma forte conotação de crítica às instituições de poder que possibilita sua identificação de modo mais fácil exatamente por sua radicalidade discursiva. Para as concepções anarquistas, a luta pela liberdade não se alinha pura e simplesmente pelo combate a exploração capitalista, mas segue adiante na crítica a modos de vida que insere os homens a formas outras de submissão e mecanismo de poder e coerção.

A ruptura com esta condição opressora é impulsionada pela imagem de homens e mulheres alegóricos que apontam para um futuro iluminado, empregando instrumentos que visam a destruição de todas as correntes e redes que prendem o ser humano: econômicas, políticas e culturais (AZEVEDO, 2000. p. 325).

A crítica da autoridade aparece também de maneira central nas formações discursivas e imagéticas dos anarquistas. Pode-se dizer que, ao lado da crítica da propriedade privada, a crítica às relações hierárquicas e respaldadas em autoridades constituídas tornaram-se ponto comum em todas as correntes libertárias.

No periódico de grande tradição anarquista *A Plebe*, datado de 27 de abril de 1930, aparece uma figura de um trabalhador que acabara de cortar o mal da autoridade representada por uma árvore. A emancipação social é largamente associada a essa crítica da autoridade. Essa característica anarquista difere, pelo menos em substância, da crítica de outros movimentos de esquerda de orientação marxista.

O interessante na formação de toda uma cultura política dos libertários é que a apropriação de imagens e discursos se volta, necessariamente, a uma idéia de que as desigualdades sociais, políticas e econômicas perfazem caminhos muitas vezes complexos, de modo que é preciso atentar-se para os meios utilizados na consecução do projeto de emancipação social. É por isso que a autoridade é identificada de modo pernicioso, algo que poderia possibilitar o retorno da dominação e da submissão dos homens. Tal ameaça é vista mesmo nos projetos comunistas de orientação marxista, como é o caso do livro de José Oiticica¹² "*O que Maximismo ou Bolchevismo*". Neste texto fica claro a noção de que a revolução social não deve ser obra de uma "casta" ou "vanguarda" revolucionária e que cabe as organizações livres e associativas do movimento operário e dos oprimidos de forma geral, atuar em prol de sua plena e total emancipação. O cerne da questão encontra-se na crítica visceral à centralização política típica dos movimentos revolucionários de orientação marxista. A postura, para os anarquistas, não é apenas de lutar contra a propriedade privada dos meios de produção, mas também a maneira

¹² Um dos grandes nomes do anarquismo no Brasil. Professor, lingüista e ativo militante anarquista e um dos criadores do periódico *A Lanterna*. Uma de suas obras é *A doutrina Anarquista ao Alcance de todos*.

pela qual a sociedade se organizará após a revolução social. Aliás, os meios empregados já revelam a preocupação dos libertários com o problema da verticalização das relações entre os indivíduos. A recusa da luta político partidária, presente em diversos textos e discursos dos anarquistas da época, configuram um grande exemplo.

IV - AS POSIÇÕES ANARCO SINDICALISTAS

O sindicalismo anarquista foi, durante praticamente toda a primeira república, a principal forma de organização dos trabalhadores no Brasil. A denominação surge a partir do V congresso da AIT (Associação Internacional dos Trabalhadores) em Haia, em 1972¹³. As idéias centrais do sindicalismo anarquista consistem na ação direta como método de luta, a greve geral e revolucionária que possibilitaria a consecução de um projeto libertário de organização social calcado nos sindicatos e nas federações produtivas e autogestionárias dos trabalhadores.

Segundo Edgar Rodrigues¹⁴, há que se pautar que, entre o anarquismo e anarco-sindicalismo, existem nuances e diferenças a serem consideradas, diferenças essas não tão superficiais. O anarquismo sugere uma maior amplitude social na sua conformação, isto é, o anarquismo não configuraria um movimento exclusivo de operários, mas sim de indivíduos diversos em suas origens sociais, mas cômicos da exploração das sociedades estratificadas. Já os anarco-sindicalistas seriam eminentemente oriundos da classe operária um movimento tipicamente inserido na luta de classes contra burguesia e o Estado.

O movimento anarquista é de indivíduos, vai até onde a liberdade e a inteligência o possam levar. O sindicalismo é um movimento de operários voltado mais para a gerência – produção e consumo. Seu espaço é limitado, materialista, sem a dimensão e o alcance da filosofia de vida do anarquismo.” (RODRIGUES, 1987, p. 82)

Gigi Damiani, anarquista italiano, passou e militou no anarquismo durante pelo menos vinte anos no Brasil. Suas

¹³ Rodrigues, Edgar: Os Libertários. Vozes. São Paulo. 1988.

¹⁴ Na verdade Edgar Rodrigues é o pseudônimo de Antônio Francisco Correia, um dos grandes nomes do anarquismo contemporâneo. Este trabalho teria sido impossível sem seus textos. Edgar Rodrigues faleceu no último mês de maio.

posições, segundo Michael Hall e Paulo Sérgio Pinheiro, coadunavam-se com o anarquismo, sendo que, em alguns momentos, se inclinou para o anarco-sindicalismo. O documento a seguir revela uma posição típica dos anarco-sindicalistas pela ênfase que se dá à idéia de maturação do operariado como meio de se forjar as condições de consolidar um movimento sindical combativo e revolucionário.

Nota se também a lucidez deste militante que, em 1920, soube avaliar toda uma conjuntura histórica de formação das lutas sociais no Brasil.

De um movimento sindicalista no Brasil – de um movimento verdadeiro e próprio, por importância numérica e por fundo ideológico – somente lá pela metade de 1917 é que se pode determinar o seu desenvolvimento. Todas as tentativas anteriores naufragaram por falta de coesão, de extensão e de um programa que fosse tolerado ou aceito pelos anarquistas os quais no Brasil, desenvolveram uma grande atividade no Brasil. (...)

contra o desenvolvimento das organizações de classe, concordaria também o fato principal da não existência de um proletariado verdadeira e propriamente dito, cuja existência ainda estava em gestação. (...) o escasso numero de operários qualificados existente e a grande massa de colonos eram o produto de correntes emigratórias, seduzidas por charlatanescas promessas e que, embora na miséria e nos sofrimentos, continuava a considerar-se, no Brasil, como de passagem por uma terra a ser explorada.¹⁵

Neste sentido, é possível notar no discurso de Damiani que, como é razoável de se pensar, a organização sindical revolucionária dependeria essencialmente da formação de um proletariado coeso e desenvolvido, típico das sociedades liberais capitalistas avançadas. Como pano de fundo aparece a divergência com os setores puramente anarquistas pouco adeptos do sindicalismo.

¹⁵ Gigi Damiani: Jornal a Plebe:1920

Interessante notar que essas diferenças e divergências foram debatidas e muitas vezes figuraram nas paginas de alguns periódicos libertários da época. No periódico *La Barricata* de número 389 há um artigo de Mastr Antonio em que as divergências se tornam evidentes.

(...) eu não hesito em afirmar e demonstrarei com minha exposição que o sindicalismo nada tem de comum com o anarquismo, ou melhor, tem de mais: o caráter efetivo de ação do sindicalismo é uma negação do anarquismo. (...) na pratica, o sindicalismo luta para melhorar o regime de trabalho assalariado. Como melhorar uma coisa significa também conservá-la, sucede que, como consequência lógica, o sindicalismo trabalha para a consolidação do regime burguês.¹⁶

Mais adiante, no mesmo documento, a crítica assume uma postura ainda mais contundente e é ressaltada a diferença que existiria entre o sindicalismo e o anarquismo enquanto filosofia e práxis.

O fato de haver se declarado partidário da ação direta e dos métodos violentos de conquista, não implica de forma alguma que o sindicalismo conceba a revolução em um sentido anarquista ou social. (...) ninguém, creio eu, pelo fato de ser partidário da violência para alcançar o seu alvo reacionário, se arriscaria a qualificá-los como anarquistas. (...)

O Sindicalismo é o ideal da gente prática. O anarquismo é o ideal dos utopistas, que não crêem na grande utilidade de reconquistar dois vinténs á custa do sacrifício dos pobres coitados que na praça pública combatem policiais que não vale dois vinténs, bem vestidos que estão de reis ou de republicanos imundos”¹⁷

Num outro momento, o discurso assume uma postura similar à crítica a que se fazia aos bolcheviques, isto é, a idéia de tomada do poder ou substituição de uma classe por outra na gerência dos organismos institucionais de poder. Diz o documento:

(...) o sindicalismo quer destruir o privilégio do patrão para estabelecer o próprio. A organização de classe é

¹⁶ Mastr Antônio: Jornal *La Barricata*, numero 389

¹⁷ Antonio, Mastr: periódico *La Barricata*, N 389. 1920.

*que deve terminar ditando a lei. Não se trata de demolir todos os domínios, mas de substituir o domínio burguês pelo proletário. A sua força não deve servir para ajudar nenhuma causa estranha mas sim para impor sua ditadura, a sua lei. O sindicalismo não quer libertar a humanidade, mas simplesmente os sindicalistas (...)*¹⁸

Embora possa ser relativizada a influência dos anarquistas não alinhados com o sindicato, sua atuação foi considerável, principalmente na denúncia da organização sindical como meio de luta para a consecução de um projeto de sociabilidade libertária¹⁹.

Para muitos sindicalistas, no entanto, a organização natural dos trabalhadores era o sindicato. Ele aparecia como meio de superar as relações capitalistas de produção e, ao mesmo tempo, configuraria a típica organização futura da produção da sociedade libertária. O sindicalismo poderia, nesse sentido, organizar os trabalhadores para a luta social. Poderia, além disso, estabelecer e forjar relações de cooperação, produção e consumo da sociedade sem Estado e propriedade privada a qual vislumbravam.

¹⁸ Ibid.

¹⁹ Hall, Michael e Pinheiro, Paulo Sérgio. A Classe Operária no Brasil. 1889-1930. Documentos. Volume I. Alfa ômega. 1979

V - AS POSIÇÕES ANARQUISTAS

Diferentemente do anarco-sindicalismo, a propaganda “puramente” anarquista não se dirigia exclusivamente aos operários. Michael Hall e Paulo Sérgio Pinheiro lembram a necessidade de não confundir os dois tipos de propaganda e destaca que, na época, a propaganda e influência dos anarquistas era relativa mas consideravelmente inferior à dos anarco-sindicalistas:

A influência das doutrinas anarquistas junto a classe operária é difícil de ser especificada com precisão, mas certamente ela não era grande. Embora muitos autores mais tarde se refiram a “classe operária anarquista” de São Paulo, na verdade, se está, entre outras coisas, confundindo anarquismo com anarco-sindicalismo ou sindicalismo revolucionário. (HALL, 1979, p. 127).

Nesse sentido, o discurso anarquista parecia acentuar-se na crítica do sindicato como vimos acima, além de ponderar para a necessidade de se unir os grupos libertários e adensar a propaganda:

Os nossos companheiros não devem acreditar já terem cumprido toda a sua obrigação porque deram ajuda financeira. A eles cabe difundir o jornal entre as multidões trabalhadoras, e fazer o mesmo com todas as nossas publicações de propaganda²⁰

De fato, acreditava-se que a “pureza” dos princípios anarquistas perpassava necessariamente por uma visão quase que voluntarista, afastada de qualquer interferência de grupos, pessoas e órgãos estranhos aos princípios e à doutrina dos anarquistas. Outro aspecto parece ter sido o fato de a postura e a filosofia anarquista despertar entre os trabalhadores certa desconfiança ou mesmo certo temor:

²⁰ Jornal Le Barricata: Per La Propaganda, número 389.

*A maior parte dos trabalhadores tem medo de nossas idéias porque não as conhecem e também pelo que apregoa o padre no púlpito, pelo que escrevem os jornais burgueses, pelas calúnias que sobre nós vomitam os nossos adversários interessados.*²¹

Não se pode avaliar com precisão o temor provocado pela teoria anarquista nos setores populares, principalmente entre os trabalhadores. Acredito que o diferencial esteja na capacidade de organizar um movimento puramente anarquista sem querer usar ferramentas preciosas como a organização sindical. Para os anarquistas, diferentemente dos anarco-sindicalistas, o discurso por vezes parecia cair no vazio ou, pelo menos, soava opaco em relação à atuação muito mais vigorosa dos grupos sindicais também de orientação libertária.

Quando, em 1906, reuniu em São Paulo o primeiro Congresso Operário Brasileiro, as influências das posições sindicalistas tornaram-se claras. Nos próximos 20 anos do século XX, a organização operária no Brasil, principalmente nos grandes centros fabris e industriais como São Paulo seria marcadamente caracterizado pela preponderância dos sindicatos e, em especial, os sindicatos organizados e mantidos pelos anarco-sindicalistas. Obviamente que a organização sindical, apesar de hegemônica, não era a única forma de atuação dos libertários como ficou demonstrado acima, mas tomou para si a “vanguarda”, por assim dizer, de toda a organização e formas de lutas e resistências dos trabalhadores na primeira república. Dificilmente poderíamos imaginar, neste período, uma mobilização de operários que não passasse necessariamente pelos vários sindicatos da época.

Apesar das resoluções do primeiro Congresso Operário Brasileiro não deixar explícita uma postura sindical

²¹ Ibd.

revolucionária²², alguns traços da ideologia anarquista transparecem nas resoluções, vejamos algumas:

Sobre a orientação (...) o Congresso aconselha o proletariado a organizar se em sociedades de resistência econômica, agrupamento essencial e, sem abandonar a defesa, pela ação direta, dos rudimentares direitos políticos de que necessitam as organizações econômicas, a por fora do sindicato a luta política especial de um partido e as rivalidades que resultariam da adoção, pela associação de resistência, de uma doutrina política ou religiosa, ou de um programa eleitoral²³

Ainda nas considerações sobre as orientações do congresso afirma se o compromisso do sindicato contra a banalização das datas memorativas dos trabalhadores e a cooptação do Estado em relação a luta dos trabalhadores. Este trecho é marcadamente anarco-sindicalista:

O congresso aconselha aos operários e respectivos sindicatos que, no caso em que essa data seja decretada dia feriado, iniciem uma forte propaganda no sentido de patentear a incompatibilidade da adesão do Estado a tal manifestação, que é revolucionária e de luta de classe, apontando seu trágico epílogo a 11 de novembro de 1887.

Sobre os métodos de ação operária, o Congresso faz menção à greve geral e sabotagem, armas clássicas das linhas sindicais revolucionárias:

O congresso aconselha como meios de ação das sociedades de resistência ou sindicatos todos aqueles que dependem do exercício direto e imediato da sua atividade, tais como a greve geral ou parcial, a boicotagem, a sabotagem, o label, as manifestações

²² Segundo Michael Hall e Paulo Sergio Pinheiro, as posições anarco-sindicalistas transparecem neste congresso, mas de maneira menos precisa e prática como poderia se supor. No entanto, há outros autores que identificam nas resoluções do congresso uma clara opção pelo sindicalismo revolucionário anarquista, como é o caso de Edgar Rodrigues.

²³ Grifo meu.

*públicas, etc, variáveis segundo as circunstâncias de lugar e momento.*²⁴

Parece nítido ter havido uma tensão não tão efêmera entre as duas concepções anarquistas. No entanto, muitos militantes navegavam entre as duas posições ao longo dos anos. Em determinados momentos, as posições sindicais careciam também de respaldo dos operários. Muitas greves falharam ou pelo menos não conseguiram realizar suas promessas emancipatórias. Muitas críticas a organização sindical surgia nestes períodos. A ação dos anarquistas, neste quesito, consistia em produzir um discurso que visasse uma organização diferente daquelas que preconizava os sindicatos. Tratava-se de atribuir um caráter menos economicista e mais inserido nas práticas diárias de convivência. Para muitos anarquistas era preciso estabelecer cotidianamente novas e libertárias relações sociais. Tais relações era menos propícias no sindicato do que nas organizações propriamente libertárias, como as associações e coletivos anarquistas.

²⁴ Resoluções do Primeiro Congresso Operário Brasileiro, efetuado entre os dias 15 e 20 de abril de 1906, na sede do centro Gallego, à rua da constituição 30 e 32, rio de janeiro.

VI - AS POSIÇÕES FEMINISTAS

Poderíamos objetar sobre o perigo de se ajustar os diversos discursos feministas dentro de uma perspectiva anarquista. Obviamente vários articulistas da época não eram essencialmente libertários. O feminismo possuía nuances diversas que, embora muitas vezes concatenasse com a perspectiva dos anarquistas, não eram efetivamente militantes libertários. No entanto, é possível identificar discursos feministas alinhado às idéias anarquistas. A mineira Maria Lacerda de Moura, para alguns estudiosos²⁵, não era uma anarquista, na verdade, ela mesma não se definia dessa forma. Não obstante suas posições teóricas, sua vida como militante política se orientou numa perspectiva radical de um discurso próximo ao dos anarquistas. Maria Lacerda de Moura sempre foi uma crítica das organizações institucionais verticalizadas, assim como dos partidos políticos. Sua luta pela emancipação da mulher, a voracidade com que atacava as instituições burguesas no campo da moral que submetem a mulher a uma postura subalterna tanto nas relações de trabalho como no campo da afetividade, demonstram uma concepção teórica típica dos anarquistas.

Na verdade a radicalidade do discurso de Maria Lacerda de Moura é nitidamente fugaz e supera, por assim dizer, a radicalidade dos discursos de muitos militantes anarquistas da época.

Existia uma diferença considerável entre as militantes feministas que assimilavam a cultura anarquista e aquelas feministas que postulavam posições pontuais da luta feminina. Segundo Margareth Rago, a crítica anarquista defendia uma libertação mais ampla da condição feminina em diversos sentidos, desde o campo social, as relações de trabalho e também familiares. Como exemplo Margareth Rago cita a polêmica entre a militante anarquista Izabel Cerruti e as feministas ligadas à *Revista*

²⁵ RAGO, Margareth: Do cabaré Ao Lar. A Utopia da Cidade Disciplinar. Paz e Terra. Pagina 101.

Feminina. A posição da revista era mais conservadora e limitada em relação à idéia de emancipação das feministas anarquistas. Para as articulistas da revista, a mulher deveria lutar para inserir-se no âmbito do direito aos preceitos da sociedade vigente, isto é, uma luta pontual por direito a voto e participação política eleitoral. Uma visão substancialmente liberal e parcial de conquistas, enquanto que para as libertárias:

*O programa anarquista é mais vasto neste terreno; é vastíssimo: quer fazer compreender a mulher, na sua inteira concepção, o papel grandioso que ela deve desempenhar como fatora histórica para a nossa inteira integralização na vida social..*²⁶

No entanto, as posições e discursos das feministas da corrente anarquista ou próxima a ela e as posições de militantes anarquistas foram, muitas vezes, repletas de controvérsias e mesmo ambíguas. Já vimos que em relação ao papel da igreja e sua influência na sociedade da época contrapunha-se um discurso anarquista fortemente apegado a certa visão “moralista”, uma postura condenatória dos vícios que para os libertários permeava o universo da instituição católica e do clero de maneira mais ampla. No que tange as relações afetivas, sexuais e amorosas, a postura de algumas feministas foi radical, postulando uma nova ordem moral libertária caracterizada por uma profunda modificação dos preceitos e valores da sociedade burguesa. A crítica ao casamento é exaustivamente debatida, assim como a institucionalização das relações afetivas como um todo. Essas deveriam ser uma manifestação espontânea, descompromissada de interesses materiais ou determinadas por terceiros. O casamento monogâmico seria a expressão da intervenção do Estado, das instituições que interditariam a livre e consentida relação entre parceiros. No entanto, a expressão Amor Livre não significara

²⁶ Rago, Margareth: Cita o jornal a Plebe de 20-11-1920)

necessariamente uma relação caracterizada pela negação de uma união entre dois parceiros. Na verdade, o Amor Livre, significaria, essencialmente, a manifestação livre da vontade individual em amar quem ele quiser sem qualquer tipo de intervenção que não advenha do próprio indivíduo e seu arbítrio. Desta forma, a *União Livre* se manifesta como uma demonstração de Amor Livre, no sentido de que ele é uma relação consensual, não intermediada ou arbitrada por organismos alheios e estranhos ao acordo espontâneo entre parceiros.

Amor livre não é, como alguns pretendem e outros julgam, as relações sexuais havidas de momento em praça pública (...) é um todo formado pelo homem e pela mulher que se completam (...)

*Vivem juntos porque se querem se estimam no mais puro, belo e desinteressado sentimento de amor, vivem juntos porque essa é sua vontade e não estão ligados por determinação alheia nem a interesses que a um digam respeito. Amor livre é plena liberdade de amar e não a forma hipócrita do casamento em que o homem e a mulher ligados indissolúvelmente pelo casamento civil ou religioso são obrigados pelo preconceito a suportarem-se com enjôo.*²⁷

O discurso dos militantes feministas, homens e mulheres, confluíram sempre para a defesa de relações espontâneas no campo da afetividade. No entanto, havia toda uma série de preceitos condenáveis que, para muitos articulistas da época, posto em prática levaria a deterioração dos valores anarquistas e libertários. Não caberia aqui definir as práticas condenáveis. A pesquisadora Margareth Rago aponta, em seu livro já citado, manifestações e condutas condenadas em vários artigos da imprensa anarquista da época, tais como a bebida, as festas tidas perniciosas, a exemplo do carnaval entre outras.

Interessa para nós identificar o discurso feminista de orientação libertária que, para além da emancipação econômica e

²⁷ ALTAVILA, Antonio: Voz do trabalhador 19-02-1915. Citado em RAGO, Margareth: Do Cabaré ao Lar: A Utopia da Cidade disciplinar. Rio de Janeiro: Paz e Terra. P.104.

política negadora de princípios autoritários e hierárquicos, vislumbrava uma nova ordem moral no campo da afetividade e da definição dos papéis historicamente ligados à idéia de gênero.

È preciso que se pontue que este discurso estava longe de ser homogêneo entre os libertários. Para muitos anarquistas a definição da mulher como ente essencialmente ligado a valores maternos, mantenedora da ordem e coesão familiar, era algo absolutamente razoável, embora, obviamente, não se tratar da defesa de uma família similar à família burguesa.

Neste sentido, o discurso era extremamente vasto e ambíguo. Para militantes como Maria Lacerda de Moura e Josefina Bertacchi, a luta da mulher se ajustaria na negação dos preceitos definidores de uma função específica do gênero feminino e masculino. Tratava-se sem dúvida de um discurso mais radical em relação a outros que permeava a cultura libertária da época.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O anarquismo demonstrou ao longo de toda a Primeira República, quando foi a principal corrente ideológica do operariado, uma riquíssima produção cultural que revelou, para além de uma cultura política específica, uma complexidade de pensamentos e discursos que deram a essa filosofia um status diferente no que tange ao campo da pesquisa histórica. Há, sem dúvida, muito que se descortinar sobre a história do anarquismo no Brasil. São, por assim dizer, quase quatro décadas - desde sua formação no final do século XIX até o findar da primeira república - de uma vasta e riquíssima produção cultural que se fez em periódicos, associações, clubes, piqueniques, sindicatos que forjaram uma cultura política que, embora divergente em diversas questões, tornou-se palpável, identificável pela sua radicalidade discursiva.

O anarquismo nesta época produziu uma cultura que, ao compararmos com o anarquismo contemporâneo, encontraremos, certamente, pontos de confluência, mas, principalmente, encontraremos as diferenças que aludem à distância histórica em relação aos dias atuais. No entanto, seus princípios permanecem; a defesa incondicional da liberdade, uma liberdade que não é convencional, institucional e muito menos meramente formal.

Para os anarquistas, o juízo individual aliado a uma ética solidária é essencial para a concretização de uma liberdade plena, expandida do ponto de vista material e espiritual. Mais do que criar preceitos precisos, mecânicos e arbitrários do que há de ser a futura organização social, que movem suas ações e pensamentos, é preciso pensar que os meios de agir devem ser coerentes com a sociedade imaginada. Esta é a grande característica do anarquismo que até hoje dá a esta filosofia a irreduzível crítica da autoridade, da estratificação nas relações pessoais, afetivas e laborais. Não

basta acabar com a exploração econômica que as relações capitalistas impõem, há de se pensar nos mecanismos de poder a que Michel Foucault aludia. Eles são vastos e micros e, a despeito da viabilidade de construir uma sociedade absolutamente igualitária, – coisas que, historicamente não nos cabe avaliar – é preciso reconhecer a contribuição dos anarquistas neste campo.

Como diz Margareth Rago:

A concepção libertária da História, que delinea e desenvolve, é condição de possibilidade da emergência de uma pluralidade de novos temas e da percepção de práticas e fenômenos até recentemente não historicizados, porque irrepresentáveis. Trata-se, em outras palavras, de um modo específico de se perguntar pelo presente, tendo em vista a necessidade de reinventar a própria vida, de propor programas de ação, ou de construir *La strada libertária*. (RAGO, 2001. p.335).

A pesquisa buscou demonstrar que o dissenso se fez entre os libertários, buscou demonstrar ainda, um pouco da complexidade desta este movimento e o quão ela possuiu matizes diferenciados, embora, nitidamente, constitua-se em princípios comuns no tronco de sua filosofia.

O Anarco-sindicalismo foi uma corrente expressiva nesta época, mobilizou em determinados períodos o operariado, organizou com certa pujança as lutas sociais travadas, principalmente a partir da primeira década do século passado. O anarquismo foi, sem dúvida, atuante nesta época, mas sem conseguir mobilizar, tal qual como fez seus companheiros sindicalistas, o operariado e os setores populares. Sua crítica, no entanto, mobilizou diversas vezes a imprensa operária e libertária como um todo, principalmente nos períodos em que o sindicalismo demonstrara seus limites de atuação. O feminismo ajudou na conformação de uma nova moral e de uma nova ética. Suas críticas a família burguesa, ao papel subalterno da mulher, a institucionalização das relações afetivas foram exaustivamente presentes na imprensa operária e nos círculos de debates da época.

Para finalizar, gostaria de citar aqui a militante anarquista Luce Fabbri²⁸. Sua trajetória de vida foi verdadeiramente emocionante e ela define uma idéia de anarquismo interessante, humanista. Para ela,

“O anarquismo é mais um caminho do que um fim, a finalidade é sempre inalcançável, qualquer finalidade, a gente a concebe como inteira, e como tal não se alcança... o que interessa é o presente que estamos vivendo, que é o que existe. O anarquismo é a forma de sentir o presente em vista de algo, em vista de uma finalidade; quer dizer, senti-lo libertariamente em vista de uma liberdade, pois o perfeito não existe, mas para o qual se pode ir, o que interessa a sociedade em seu conjunto; portanto, implica uma organização, ordem, razão, e estou cada vez mais convencida de que a violência, embora possa ser uma necessidade prática, ineludível em alguns momentos, sempre produz uma tragédia, algo negativo, algo contrário...”

Os anarquistas, muitos deles, deram marcha a este empreendimento, seu voluntarismo, a militância como meio de vida, suas interdições de ordem moral e ética visavam o presente libertário, eles o vivenciaram intensamente, acreditando numa finalidade a partir da experiência cotidiana, seja nas fábricas, nos lares, nos sindicatos ou nos periódicos.

²⁸ A História de vida desta militante anarquista é contada de maneira emocionante por Margareth Rago no livro *Entre a História e a Liberdade: Luce Fabri e o anarquismo Contemporâneo*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKUNIN, Mikhail: Deus e o Estado. São Paulo: Editora Imaginário, 2001
- CNT: A Revolução Espanhola nos Documentos Libertários. São Paulo: Imaginário. 2001.
- FAUSTO, Boris: Trabalho Urbano e Conflito Social: (1890-1920). São Paulo: Difel. 1976.
- FREITAG, Armand Barrué: Max Stirner e o Anarquismo Individualista: São Paulo: Imaginário. 2003.
- GUERIN, Daniel. Proudhon. Textos escolhidos. Porto Alegre: L&PM Pocket. 1999.
- HALL, Michael. Pinheiro, Paulo Sérgio: A Classe Operária no Brasil. Documentos. Volume I. O Movimento. Alfa-Ômega. 1979.
- HARDMAN, Francisco Foot: Nem Pátria Nem Patrão: Vida Operária e Cultura Anarquista No Brasil. Brasiliense, 1983.
- HOBSBAWN, Eric: Rebeldes Primitivos. Zahar Editora. 1980.
- KROPOTKINE, Piotr: A Conquista do Pão. Editora Simões. 1953.
- PRADO, Antonio Arnoni. HARDMAN, Francisco Foot: (Orgs). Contos Anarquistas. Brasiliense. 1985.
- RAGO, Margareth. Gimenes, Renato Aloizio de Oliveira (Orgs): Narrar o Passado, Repensar a História. Coleção Idéias. Unicamp 2000
- RAGO, Margareth: Entre a História e a Liberdade. Luce Fabbri. e o Anarquismo Contemporâneo. São Paulo: UNESP, 2001.
- RAGO, Margareth: Do cabaré ao Lar: A utopia da Cidade Disciplinar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- RAGO, Margareth: Foucault, História e Anarquismo São Paulo: Achiamé. 2004.
- RAGO, Margareth: Anarquismo e feminismo no Brasil: A Audácia de Sonhar. São Paulo: Achiamé. 2007.
- RODRIGUES, Edgar: ABC do Sindicalismo Revolucionário. São Paulo: Achiamé. 1987.
- RODRIGUES, Edgar: Os Anarquistas e os Sindicatos. Sementeira. 1981.
- RODRIGUES, Edgar: Os Libertários. São Paulo: Vozes. 1987.
- RODRIGUES, Edgar: Pequena História da Imprensa Social no Brasil. Insular. 1997.

WOODCOCK, George: Anarquismo, História das Idéias e Movimentos Libertários. Volume I e II. Poro Alegre: L&PM Pocket, 2000.